

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Felipe Tadeu Silveira Oliveira

OS DESDOBRAMENTOS DAS MASCULINIDADES E HOMOFOBIA NO ÂMBITO FUTEBOLÍSTICO

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Juiz de Fora

2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **FELIPE TADEU SILVEIRA OLIVEIRA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201573026A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **OS DESDOBRAMENTOS DAS MASCULINIDADES E HOMOFOBIA NO ÂMBITO FUTEBOLÍSTICO**, desenvolvido durante o período de 05/08/2018 a 19/11/2018 sob a orientação de RAPHAEL BISPO DOS SANTOS, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

FELIPE TADEU SILVEIRA OLIVEIRA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

OS DESDOBRAMENTOS DAS MASCULINIDADES E HOMOFOBIA NO ÂMBITO FUTEBOLÍSTICO

Felipe Tadeu Silveira Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo abordar a forma como os modelos de masculinidade hegemônica exercem influência sobre o comportamento de dirigentes, torcedores e jogadores de futebol. Primeiramente, será promovida uma abordagem geral a partir da bibliografia socioantropológica sobre as homossexualidades e tipos de masculinidades em nossa sociedade. Posteriormente casos de homofobia no futebol serão apresentados e discutidos, assim como os reflexos das masculinidades hegemônicas no âmbito deste esporte bretão. Motivado pelo desejo de explorar este tema tão pouco comentado pelos que circundam o planeta da bola e pela sociedade em geral, foram utilizados como referências conceitos e obras de Peter Fry (1985) e Raewyn Connell (2013), principalmente. A metodologia de pesquisa foi baseada na leitura de livros sobre as perspectivas que envolvem o futebol brasileiro, desde a sua concepção até os dias atuais. Conjuntamente foram realizadas leituras de obras sobre a homossexualidade e as masculinidades hegemônicas, assim como diálogos informais com indivíduos brasileiros que fazem parte desse universo do futebol, com alguns deles se identificando como homossexuais. Por fim, foram explorados diversos sites que traziam vídeos, reportagens e entrevistas sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Homofobia, Intolerância, Masculinidades.

1. HOMOFOBIA E MASCULINIDADES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A homofobia é o conjunto de atos, ações, comportamentos e posicionamento contrários aos homossexuais e à homossexualidade em geral. Quem é homofóbico rejeita a comunidade LGBT². E em sua grande maioria essa aversão tem a forma discriminatória, através do uso da violência, sentimento de antipatia e desprezo aos que se assumem gays, intersexuais e transgêneros. Homofóbicos podem agir com violência, agressões físicas e psicológicas desmedidas, materializando um ódio que deixa marcas visíveis e influi negativamente na vida de quem é alvo. A simples presença de gays em um determinado ambiente serve para incomodar e transformar os intolerantes em pessoas repulsivas. Episódios de cunho homofóbico não são raros de serem notados por onde quer que se esteja.

Lamentavelmente, a homofobia se faz presente em todas as esferas da sociedade, e o preconceito está enraizado no futebol desde os primórdios desta prática esportiva. Trata-se de um tabu muito antigo e pouco discutido por todos. Porém, tal discussão nos dias de hoje tornou-se inadiável, e o referido assunto precisa ser mais explorado e colocado em pauta por nós, com urgência. Apesar de certo avanço no que tange à representatividade e respeito aos direitos humanos, infelizmente, é comum vermos casos de violência contra homossexuais nos noticiários mundo afora. Segundo dados confirmados pela Anistia Internacional, datados do ano de 2017, o Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo. Tal fato comprova como o Estado tem deixado a desejar em quesitos de segurança e preservação da vida. Ninguém nasce homofóbico. Assim como aprendemos a ler e escrever, a prática da discriminação aos homossexuais também é sistematicamente assimilada pelo agressor. E em partes, esse processo acontece dentro de um estádio de futebol, nas “peladas” disputadas na rua e na escola, entre outros.

Partirei do princípio de que o gênero (cheio de clichês e estereótipos) é construção social. Como veremos nessa passagem de Peter Fry (1985):

Ninguém hoje em dia acredita que as diferenças de comportamento entre os dois sexos possam ser explicadas apenas em termos de diferenças biológicas, pois reconhece-se que os papéis sexuais são forjados socialmente. Cria-se, então, uma série de expectativas a respeito do comportamento

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: felipesilveira2810@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

² Sigla para “Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transsexuais”.

considerado apropriado aos homens e mulheres de acordo com sua posição social. Estas expectativas, nem sempre conscientes, são impostas através de uma série de mecanismos sociais. Desde o berço, meninos e meninas são submetidos a um tratamento diferenciado que os ensina os comportamentos e emoções considerados adequados. Qualquer “desvio” é reprimido e recupera-se o “bom comportamento”. O interessante é que este mesmo raciocínio é raramente usado quando se discute a homossexualidade. (FRY, 1985)

A concepção do gênero faz parte das relações sociais, indo muito além da biologia. Ele é elaborado cultural e historicamente, e pode ser desconstruído, transformado. Aspectos que são considerados masculinos, femininos e até mesmo neutros dependem de cada cultura. É importante desvencilhar a ideia de gênero com masculino e feminino, enquanto um sistema relacional. Gênero é poder, é hierarquia. O movimento feminista impulsionou a discussão das masculinidades, pois começou a questionar a hierarquia e a estrutura da sociedade. Há uma expectativa social sobre o que seria um homem, e tal como o que seria uma mulher. E por consequência, um gay ou um homossexual. Sendo assim, todos seriam julgados em várias instâncias, em virtude dessas expectativas. Como por exemplo um pai de família, que provê o sustento da casa e serve de modelo para seus filhos e entes queridos, comete um crime hediondo que não condiz com sua postura costumeira. Ou uma criança do sexo masculino que não se interessa por jogar futebol, preferindo se divertir brincando com bonecas e outros brinquedos geralmente associado às meninas.

Dentro da sociedade ocidental, existe um certo padrão comportamental que induz o indivíduo a como ele deve se portar, vestir e agir como um homem ou uma mulher. Novamente, recorremos a uma passagem de Peter Fry (1985):

Desde a mais tenra infância, meninos e meninas são educados para se portarem como homens e mulheres mais tarde. Os homens deveriam ser fortes, trabalhadores, capazes de sustentar sua família, interessados em futebol e outras atividades definidas como masculinas e, sobretudo, não deveriam chorar. Convém também que desde o início da adolescência comecem a ter experiências sexuais. Neste Brasil que estamos evocando, estas experiências podem ser com irmãs, primas, empregadas domésticas ou prostitutas. As mulheres, por outro lado, aprendem as tarefas da casa e lhes é imbuído o que se chama de instinto materno. Ao contrário dos homens, não podem ter relações sexuais antes de casar, chegando ao casamento ainda virgens. (FRY, 1985)

É a ideia de que homem não demonstra sentimentos, não deve usar roupas cor-de-rosa. “Homem que é homem, não chora”. E que deve ser bruto, inclusive agressivo para “marcar território”. Foi construído simbolicamente que, como parte do que é ser masculino, o homem deve fazer uso da guerra e da violência (o que não significa que uma mulher também não possa ser violenta). Como se o homem, em determinadas situações, teria como prova de sua masculinidade agir violentamente. Naturalmente, nem todos alcançam esse padrão. São acometidos pelo que chamamos de masculinidade tóxica, um termo que vem sendo muito utilizado na academia e movimentos sociais em geral. Esta expressão tem por característica o conceito de que o homem deve ser violento e agressivo, nunca dar razão e voz à emoção para que seu papel masculino seja reconhecido. Ou seja, negligenciar seus sentimentos e sensibilidade em virtude da imagem viril a ser transmitida. A masculinidade tóxica mata pessoas, destrói vidas e causa depressão. Ela afeta homens e mulheres, heterossexuais ou homossexuais, sem distinção. Há uma certa confusão entre a masculinidade e a masculinidade tóxica. Esse desalinho provém da necessidade que alguns homens possuem de essencialmente usar a masculinidade tóxica para serem masculinos. Embora seja totalmente possível e sem dúvidas mais saudável abstrair essa prática, atingindo os mesmos resultados.

A criação do masculino, a adoração do homem em detrimento radical e total da mulher, esse imaginário enganador sequer é datado. O masculino é um mito tão estruturado que não sabemos mais o que é o homem. Haja vista tantas masculinidades existentes na sociedade (umas repugnantes, outras mais valorizadas).

E desses vários tipos de masculinidades, podemos destacar sobretudo a masculinidade hegemônica, que vincula a violência com a masculinidade. Um conceito relacionado às formas individuais de performance, montagem e uso dos corpos dos homens. A masculinidade hegemônica compatibiliza a pluralidade das masculinidades e a hierarquia entre masculinidades.

Raewyn Connell (nascida Robert William Connell) é o maior nome da atualidade nos estudos sobre homens e masculinidades. Trata-se de uma socióloga australiana, que em seus estudos sobre gênero reconhece a “masculinidade hegemônica” como uma parcela da teoria da ordem de gênero, caracterizando várias masculinidades que se diferenciam com o passar dos anos na vida do cidadão. A autora possui como

propósito elucidar porquê homens exercem um papel dominador sobre as mulheres e também sobre outras figuras que se identificam como femininas. Nas palavras da própria Connell:

O termo 'hegemonia', emprestado de Antonio Gramsci, não designa a masculinidade da maioria dos homens, e sim aquela soberana na sociedade. Diferencia-se da noção de dominação por não fazer uso, necessariamente, da força bruta. Uma hegemonia de fato efetiva depende de certo consenso ou participação dos grupos subalternos. (CONNELL, 2005)

Dentro de diferentes masculinidades, cabem orientações sexuais distintas. Um homem gay não pode ser considerado menos homem do que um “valentão bom de briga”, por exemplo. Vinculado a este entendimento encontramos a masculinidade suave. De acordo com uma notícia publicada no site bbc.com³, com origem na Coreia do Sul, e com seu conceito de simples dedução, a masculinidade suave dispensa as brutalidades e traços mais agressivos que acompanham a prevalente masculinidade hegemônica. São homens mais sensíveis, empáticos, que demonstram seus medos e são fortes por causa disso. Com foco na estética e impulsionados pelo fenômeno “K-Pop” (música popular coreana), na região supracitada é comum que homens usem maquiagens e visitem salões para terem cuidados minuciosos com o cabelo. “Acredito que o fenômeno deveria ser mais explicado pela ideia da masculinidade híbrida ou versátil. Suave, mas ao mesmo tempo viril, que é diferente de ser afeminado”, diz Sun Jung, autor do livro *Korean Masculinities and Transcultural Consumption*, em entrevista ao site G1.

Muitas pessoas sofrem pressão para ceder aos princípios da masculinidade hegemônica idealizados (e até forçados) pela mídia, família, amigos. Tudo isso comumente é imposto sobre a grande maioria dos homens. Caso contrário ele é fraco, passivo; ou se parece com uma mulher, com um gay. Como se ser uma mulher ou gay fosse algo ruim, depreciativo. Ser “fresco” é um comportamento associado a uma mulher ou a um homossexual. E tal comportamento é inadmissível para quem se denomina o “macho alfa”.

São várias formas de ser homem, logo várias formas de masculinidade. A sociedade as produz, e pode também as honrar, pois existe demanda e necessidade latente para tal adequação. O homem não precisa de menos masculinidade, e sim de uma masculinidade maior.

O âmbito esportivo, principalmente o futebolístico, tem se mostrado muito machista e intolerante, não aceitando que os praticantes assumam sua preferência sexual sem que sejam julgados por tal escolha e sofram represálias dos seus entusiastas. O estádio de futebol é um ambiente hostil para homossexuais, nada acolhedor para quem é gay. A opressão se expressa de uma forma natural e o estereótipo do homem dominante se faz presente.

O futebol demonstra ser um retrato de uma sociedade mais conservadora do que progressista. Quando se está em grupo, este grupo se parece mais forte ao realizar um julgamento de uma minoria, quando apontam o dedo para alguém. Não se racionaliza direito, não se pensa sobre aquilo que é dito.

Por que é tão difícil tratar e falar sobre esse tema? Por que um jogador famoso não se assume homossexual? Encontraremos essas respostas fora do futebol. O mundo é um ambiente segregador para os gays, ainda cheio de resistência e intolerância para com as sexualidades dissidentes da norma. E no futebol o cenário é trágico, ainda pior. Cercado de gritos homofóbicos, execrando e depreciando o adversário, dando a ele um cunho homossexual. Então, é difícil para o jogador que está exposto aos dirigentes, mídia e torcedores se voltar para este público que xinga, mata, exclui, massacra e ridiculariza. Uma “brincadeira” que pode se tornar um fardo muito pesado para quem é alvo.

O atacante Emerson Sheik, do Corinthians, viveu na pele esta incomplacência. Em 2013, postou uma foto em suas redes sociais dando um “selinho” em seu amigo, o empresário Isaac Azar, durante um mero jantar.

³ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45434713>. Acessado em 19/11/2018.



Foto: Reprodução Instagram

Bastou para que a revolta entre os torcedores corintianos se instalasse. Sheik sofreu ameaças e foi alvo de diversos protestos, tendo inclusive que se retratar publicamente. O atleta viu-se obrigado a convocar uma coletiva de imprensa, com o intuito de afirmar que apesar do polêmico gesto, não era homossexual. E pediu desculpas pela foto. Apesar da explicação e retratação, teve sua paz e tranquilidade para trabalhar ameaçadas dentro do clube. Logo em seguida o jogador foi negociado por empréstimo; retornando ao Corinthians apenas após a passagem de alguns anos. Embora ainda exista torcedores corintianos que simplesmente não conseguem esquecer o fato, não “perdoando” o atacante até hoje.



Foto: Rodrigo Faber

Lamentavelmente, é comum percebermos os adeptos de uma agremiação esportiva atacando a torcida adversária com ofensas sexistas e deveras machistas. Os mais exaltados entoam cânticos discriminatórios, que remetem basicamente à escolha sexual dos torcedores rivais. Mais uma vez, como se a condição de ser gay fosse um fator degradante, para figurar em uma camada mais baixa da sociedade, indigna até. Ou seja, ser pior do que alguém apenas porque faz parte de uma minoria. A exclusão social motivada por uma simples escolha de gênero é uma prática retrógrada e deveria ser abolida por todos, já.

O futebol é uma cultura de massa, envolve paixão, nuances e sentimentos que podem moldar o caráter do indivíduo. E tem uma maneira única de unir pessoas, inflamar amizades e mudar vidas. É também claramente um universo machista e altamente homofóbico, sem sombra de dúvidas. No Brasil, até quem não é adepto vê-se diretamente influenciado pelo referido esporte. Já que, logo na infância, o simples ato de “jogar bola”, como

dizemos, pode definir se o garoto será plenamente aceito ou não em um determinado grupo. Por muitas vezes a habilidade com a bola nos pés (ou a falta dela) é associada com a orientação sexual do sujeito. Uma vez julgado por tal característica, o ser humano pode sofrer consequências terríveis e traumatizantes no decorrer de sua vida inteira. Motivado pela pesquisa e curiosidade, conversei com homossexuais assumidos, do sexo masculino, a respeito dessa questão. Pessoas próximas a mim, que em sua totalidade afirmaram serem forçadas em algum momento da vida a praticarem o futebol como afirmação de sua masculinidade. E que preferiram não se identificar. Como se quisessem apagar da memória a incompreensão que sentiram logo na mais tenra idade, ao se virem quase que obrigadas a realizar uma prática esportiva que a princípio não gostariam, para serem aceitas no âmbito familiar e acadêmico.

Quando a bola rola no gramado verde, há ocasiões em que dribles e jogadas ensaiadas ficam pra trás. Ou seja, ficam em segundo plano na ótica do torcedor mais inflamado. Pois vemos torcidas organizadas mais empolgadas em chamar o goleiro adversário de “bicha” quando este vai bater um tiro de meta, do que vibrar com aquele quase gol marcado pelo seu tão adorado camisa nove. Este ato repugnante já foi alvo de punições sancionadas pela FIFA, como no caso da seleção do México e da seleção brasileira. Porém, alguns milhares de dólares a menos nas contas bancárias dessas instituições não foram suficientes para inibir o comportamento discriminatório de seus adeptos. Não raro podemos perceber atos semelhantes em vários estádios do Brasil e mundo afora.

Tomemos como exemplo o clássico Cruzeiro x Atlético-MG, ocorrido no dia 16/09/2018. Em determinado momento da partida, torcedores atleticanos foram flagrados entoando cânticos de cunho homofóbico (e político) direcionados aos cruzeirenses. Tendo como gancho o período eleitoral, onde na época ocorria-se uma disputa presidencial envolvendo o deputado federal Jair Bolsonaro (político controverso e conhecido por polêmicas frases direcionadas aos gays), alguns membros da torcida organizada atleticana Galoucura, bradavam: “Ô cruzeirense, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar viado (sic)!” O coro logo foi se espalhando entre os adeptos, sendo percebido em vários setores do estádio. Enquanto isso, seguia o 0 x 0, um tanto quanto monótono, mas que jamais serviria como justificativa ou incentivo para tamanha injúria. Nesse caso, a discussão vai além da pura e simples homofobia, pois envolve diretamente uma figura pública, que por seu histórico peculiar na esfera LGBT foi presumido como um eventual assassino de homossexuais. O Atlético-MG foi multado e nenhum agressor verbal foi identificado e penalizado. Logo o caso foi esquecido e deixado de lado, em virtude da vindoura partida seguinte e do descaso das autoridades e população brasileira.

2. TORCIDAS ORGANIZADAS GAYS

Curiosamente, o Atlético-MG é a equipe que detém o pioneirismo na militância homossexual relativa às torcidas organizadas. Grêmio e Flamengo contaram com movimentos semelhantes na década de 1980, porém estas militâncias foram abafadas antes mesmo de serem oficializadas e de fato estabelecidas.

A Galo Queer, fundada por uma cientista social belorizontina em 2003, defende a causa gay e prega o respeito à comunidade LGBT no universo do futebol. Galo é o mascote do clube. Já “Queer”, é uma palavra de origem inglesa, que em tradução livre quer dizer “excêntrico”, “estranho”. Ao longo dos anos, o vocábulo ganhou uma conotação ofensiva relativa aos homossexuais. Algo como o termo “bicha” usado no Brasil. Só que recentemente, a batalha da comunidade LGBT vem rendendo um novo significado a esta expressão, usada agora com a finalidade de reconhecer grupos ou indivíduos que tem por objetivo “romper com uma ordem heterossexual dominadora da sociedade contemporânea”. Um tímido sinal de avanço e progresso pôde ser percebido, ao se assumir a condição sexual e não ter vergonha dela. Não se esconder atrás de um pré-julgamento e reverter um termo preconceituoso, transformando-o em algo a seu favor é fantástico e deve servir de exemplo para todos. E de uma representatividade e engajamento imensos.

Os integrantes da Galo Queer vivem às margens da torcida atleticana no geral, pois tem receio de se expor. São alvo de ameaças dos torcedores comuns, de outras equipes e também da Galoucura. Portanto, atualmente a movimentação da torcida gay permanece restrita quase que apenas a uma página do Facebook, próxima de 3 mil curtidas. A título de comparação, a Galoucura possui aproximadamente 390 mil curtidas. Os integrantes da Galo Queer não frequentam os estádios em dias de jogos, com medo de serem linchados. Tal atividade só seria possível mediante forte escolta da Polícia Militar, inviabilizando uma maior mobilização de

seus membros. Como não contam com o respaldo de órgãos públicos de segurança, os adeptos reúnem-se em bares e casas de amigos, embora não usem nada que os identifique. Como se estivessem fazendo algo ilícito, proibido.

Sou atleticana e gosto de futebol desde criança. Passei mais de um ano morando no exterior onde me envolvi com estudos de gênero e da teoria feminista. Quando voltei para o Brasil e para o estádio, vi de um jeito que nunca tinha visto antes. Fiquei muito atônita com a naturalidade e a naturalização da homofobia. Senti um incômodo e uma urgência de fazer algo em relação a isso”, conta Nathália, cientista social, em entrevista à ESPN, pedindo para que não tivesse seu sobrenome divulgado. (NATHÁLIA, 2013).

O fato de Nathália não querer ser reconhecida pelo próprio movimento que criou diz muito sobre o medo e a intolerância que imperam neste nicho. Represálias são temidas, com razão. Críticas que desmerecem o verdadeiro valor da Galo Queer chegam o tempo todo, através de mensagens anônimas e também de cruzeirenses, rivais históricos dos atleticanos. A iniciativa de fundar a torcida é condenada pela maioria dos que entram em contato com a página, mas há também quem apoie. Torcedores de outros times incentivam a iniciativa, e há um número considerável de pessoas que curtem e compartilham as postagens de conteúdos criados pela Galo Queer.



Foto: Reprodução Facebook Galo Queer

3. RICHARLYSON BARBOSA FELISBINO

No ano de 2017, a pesquisa Mosaico 2.0, comandada pela psiquiatra especialista Carmita Abdo e realizada pela Universidade de São Paulo (USP) em 10 capitais do Brasil, relatou que 9% dos homens entrevistados afirmaram ser homossexuais, e 3% bissexuais, totalizando 12%. Foram coletados dados de quase 3 mil pessoas, de 18 aos 70 anos, em 7 regiões metropolitanas do Brasil: Belém, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Mesmo considerando uma margem de erro absurda e muito improvável, trata-se de um número bastante significativo de homossexuais do sexo masculino vivendo no país. Ou seja, uma parcela relevante da população masculina brasileira se identifica como gay.

De acordo com um balanço divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2017, existem cerca de 24.841 jogadores de futebol atuando no Brasil. Curiosamente, apenas um jogador assumiu publicamente sua preferência por relações homoafetivas. E mesmo assim, trata-se de um atleta que atua longe dos grandes centros, fora dos holofotes. É o caso do goleiro Messi (homônimo no craque argentino), do Palmeirinha de Goianinha-RN. Fato um tanto quanto intrigante, não? Mais uma vez nos deparamos com algo como se o gay não pudesse jogar futebol, que o homossexual não fosse bem quisto entre os demais jogadores, heterossexuais. Essa máxima, embora negada por alguns, acabou por marcar e prejudicar a carreira do atleta Richarlyson Barbosa Felisbino.

Perseguido por onde quer que atuasse, Richarlyson nunca se assumiu homossexual. Muito pelo contrário. Teve mais de um relacionamento amoroso com pessoas do sexo feminino divulgados pela mídia e pelo próprio jogador. Afirmou com clareza que é “completamente heterossexual”, nas palavras do próprio. Contudo, foi vítima de protestos proferidos por torcedores e dirigentes de vários times em que atuava.

A maior torcida organizada do São Paulo, denominada Independente, se recusava a gritar o nome de Richarlyson no Morumbi, como fazia com todos os outros jogadores antes do início das partidas. Manifestações contrárias à sua contratação foram vistas na torcida do Guarani, e até por parte da diretoria do clube de Campinas. Em 2017, bombas foram jogadas no estádio Brinco de Ouro após o anúncio da chegada do atleta, felizmente sem feridos. Tudo isso por conta de alguns supostos trejeitos femininos que Richarlyson possui. Em entrevista dada ao site globoesporte.com, o atleta disse:

Nem Jesus Cristo agradou a todos. Estou aqui pela minha história no futebol e esse cara aqui do meu lado (Vadão) confia em mim. Isso é um ponto positivo. Sobre as pessoas que me rejeitam depois vão me aplaudir. Isso é o mais importante. Ouvi coisas que eu não viria por estar chateado, mas eu não dei declaração alguma. Pediram sigilo na negociação e ninguém sabia disso. Existiram inverdades tentando manchar algo que não se mancha. Saiu em um jornal que eu não viria, mas estou aqui. Qual a credibilidade desse cara agora? (FELISBINO, 2017)

Conforme esta declaração dada na coletiva em sua apresentação ao Guarani evidencia, o meio-campista nunca se deixou abalar por essas dificuldades e mazelas. Mostrando firmeza nas palavras e um discurso firme, Richarlyson mantém a sua postura incólume e corajosa, ao enfrentar tamanho preconceito. Mas nem sempre foi assim. O atleta já teve que abrir mão de certas atitudes e escolhas, pois, durante suas férias no ano de 2009, optou por colocar aplique e alongar os cabelos. Entretanto, foi orientado pela diretoria do São Paulo, sua equipe na época, de que não deveria se apresentar naquelas condições. Ele não se pronunciou, mas voltou ao clube com as madeixas devidamente aparadas, quase careca. Não se sabe se foi por vontade própria ou imposição de seus superiores. É importante lembrar que outros atletas são-paulinos, como os atacantes Leandro e Araújo, também utilizaram aplique nos cabelos, porém treinaram e atuaram normalmente nas partidas e não tiveram problemas com torcedores e dirigentes. Mais uma prova que o machismo e a homofobia prevalecem e imperam no mundo da bola. Deixa marcas e exerce influência negativa e direta na vida de algumas pessoas envolvidas.



Foto: https://istoe.com.br/31730_CABELEIRA+DA+DISCORDIA/

Dentro e fora de campo, Richarlyson sempre se mostrou um atleta exemplar, chegando inclusive a defender as cores da seleção brasileira. Estimulado por grandes dificuldades e também pela discriminação sofrida, ensaiou uma aposentadoria em 2014. Porém, calçou as chuteiras novamente e voltou aos gramados algum tempo depois. Nesse meio tempo, aventurou-se no vôlei, disputando algumas partidas descompromissadas e mostrando sua desenvoltura também em outras atividades esportivas. O que acabou servindo de motivo para que algumas pessoas novamente zombassem do atleta e questionassem sua masculinidade.

Detentor de vários títulos na sua vitoriosa e polêmica carreira, os torcedores preferem evidenciar uma suposta homossexualidade de Richarlyson ao invés de exaltar suas glórias e conquistas. Fosse um jogador de trejeitos considerados “normais” a um jogador de futebol, ele seria ídolo pelo menos no São Paulo e no Atlético Mineiro, equipes onde logrou êxito, disputando partidas memoráveis. E a culpa é inteiramente do preconceito enraizado, vindo diretamente das arquibancadas.

Em um programa na TV Record, no ano de 2007, Richarlyson foi citado pelo então dirigente palmeirense Cyrillo Júnior como sendo o suposto atleta de um grande clube da capital paulista que assumiria sua homossexualidade para todo o Brasil. O meio-campista inclusive entrou na Justiça contra Cyrillo, contudo não obteve êxito em sua ação. Após arquivar o processo criminal, o juiz Manoel Maximiliano causou enorme polêmica ao relatar que “futebol é coisa para macho”. Posteriormente, o juiz foi punido pelo Tribunal de Justiça de São Paulo. Um sopro de esperança para um universo bastante controverso e segregador.

Este caso nos leva a reflexão de que algo seria diferente se um grande jogador, um ídolo de uma nação de fanáticos torcedores se assumisse homossexual? Ele continuaria sendo visto como um herói, venerado por todos? Até se posicionar em relação a essa questão pode ser um tanto quanto perigoso, pois, com medo de represálias, são poucos os que defendem e estimulam a presença da comunidade LGBT em estádios e campos de futebol do Brasil e do mundo.

4. CHAMPIONS LIGAY

Tamanha segregação aos gays no âmbito do futebol acabou por dar origem a um torneio de futebol masculino com características peculiares e totalmente distintas do que vimos até hoje. Trata-se da Champions Ligay, um campeonato que envolve apenas atletas homossexuais na disputa.

Criar uma competição exclusiva para os homossexuais foi a solução encontrada para estes atletas amadores se sentirem à vontade e praticar livremente o esporte. Sem julgamentos alheios e atos discriminatórios realizados por machistas e intolerantes. Verdadeiramente, a homofobia e a masculinidade tóxica existentes no meio futebolístico cria uma barreira entre os assumidamente gays e o futebol. Em entrevista ao site globoesporte.com, Gustavo Mendes (capitão da equipe Barbixas, campeã da primeira edição do torneio) disse: “Joguei bola a vida toda, mas nenhum campeonato foi como esse. Tem um peso diferente. É porque isso muda muitas vidas. Dá força para as pessoas serem quem elas querem e quem elas são”, (MENDES, 2017).



Foto: Reprodução Instagram

A Champions Ligay é o primeiro campeonato de futebol disputado somente por times formados com homens gays em seu escrete. Além da inclusão social e de disseminar a tolerância, a criação desta competição ajuda a desmistificar a máscara de que gays não gostam e não tem aptidão para jogar futebol. Ou que de alguma forma não podem fazer parte deste universo. Seja jogando despreziosamente nas horas livres, torcendo nas arquibancadas ou apenas portando a camisa do seu time em um dia qualquer. O torneio tem se provado um sucesso, passando agora a ser disputado a cada seis meses, com várias edições garantidas para os próximos anos.

A criação desta competição exclusiva para homossexuais dá a medida exata da absurda intolerância sofrida por essas pessoas no futebol. Se todos fôssemos mais solidários com a causa LGBT, certamente não existiria a necessidade da existência desse torneio. É uma medida extrema e até radical, de auto segregação, para que se tornasse possível a livre prática esportiva em um ambiente seguro e saudável. Cansados de serem excluídos e marginalizados pelos machistas, reuniu-se uma minoria vítima de preconceito e fecharam-se numa bolha, protegida de julgamentos mesquinhos e comentários maliciosos. A sociedade que denigre e humilha vai tirando oportunidades, minando a confiança e estímulos de suas vítimas. Felizmente, como no caso dos organizadores e participantes da Champions Ligay, não são todos que se retraem e permanecem imóveis diante de tamanho descaso e falta de empatia, solidariedade e compreensão.

5. A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

A masculinidade hegemônica é um regime de predomínio e soberania praticado por homens (e também por algumas mulheres), que historicamente deriva do patriarcado, e busca legitimá-lo. Tem como objetivo sobretudo a busca masculina pelo poder, visando exercer influência e controle, sendo altamente normativa. É a

reivindicação cultural da dominação de um grupo social na escala da hierarquia social. Discurso fortalecido pela tradição, pois é um processo histórico. Aonde existe poder na sociedade, o homem está lá. Existe mesmo alguma crise de masculinidades em nossa cultura? Crise de estereótipos da masculinidade, sim, pois há quem conteste e também defenda as mais variadas formas de ser homem que surgem com o passar dos anos. E suas práticas variam de acordo com a alternância do cenário social. Citando Renway Connel:

“Devido ao fato de o conceito de masculinidade hegemônica ser baseado na prática que permite a continuidade da dominação coletiva dos homens sobre as mulheres, não é surpreendente que em alguns contextos a masculinidade hegemônica realmente se refira ao engajamento dos homens a práticas tóxicas – incluindo a violência física – que estabilizam a dominação de gênero em um contexto particular. Entretanto, a violência e outras práticas nocivas não são sempre as características definidoras, uma vez que a hegemonia tem numerosas configurações. (CONWELL, 2005)

A ideia de hegemonia não é um modelo simples de controle cultural. A construção da masculinidade hegemônica pode não corresponder fielmente à vida de um homem real, embora haja enorme difusão dos modelos de vida idealizados em vários locais. Essa implantação dita regra sobre a forma de tratamento que deve ser oferecido para as mulheres e permeia alternativas de trato relacionados ao gênero. Pode ser praticada por uma minoria, mas ao idealizar e incorporar a forma mais honrada de ser homem, ela reivindica que todos os outros homens se posicionem favoravelmente em sua direção. Assim, globaliza a subordinação das mulheres aos homens. Essencialmente não significa violência, embora haja a possibilidade de ser sustentada pela força, e tem na persuasão e na própria cultura formas de conseguir ascendência.

O machismo é uma ilusão que alguns homens tem por achar que são melhores que as mulheres. Uma espécie de fantasia de que fazem parte para se tornarem o que são, verdadeiros opressores. A dominação masculina deve ser contestada. Os machistas se realizam ao estarem junto de seus iguais. Para eles, a mulher é vista como mero objeto com fins sexuais, já que se estes optarem por fazer sexo com outros homens, serão discriminados e não aceitos entre seus pares. Travestis e transexuais se juntam às mulheres como alvo de preconceito dos homens machistas. Estes últimos evitam ao máximo demonstrar qualquer tipo de sensibilidade, não se permite utilizar de traços da personalidade gay, ou afeminada. E é aí que o machista passa a odiar o gay. E para justificar que é macho, por muitas vezes utiliza-se da violência e preconceito contra LGBTs.

A violência masculina não pode ser atribuída à biologia dos homens, e sim até certo ponto de instabilidade social e pobreza. Obviamente a violência está em todas as esferas sociais, mas sobretudo onde existem modelos de masculinidade hegemônica que enfatizam o domínio dos homens sobre mulheres, gays e outros homens. Há na mídia a impressão de que uma masculinidade honrada é aquela que contém dominância, especialmente dominância física. Mas não devemos desistir dos homens, segundo Connel. Aliados a um bom movimento feminista, práticas antigas podem ser derrubadas, como a negação ao voto feminino já foi e a homofobia nos estádios brasileiros precisa ser. O que necessitamos é de uma masculinidade engajada, mais igualitária. Se devemos abdicar dos homens, não iremos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das diversas campanhas de conscientização, a sociedade em geral ainda engatinha no sentido de respeitar e aceitar a orientação sexual do próximo. Todavia, temos bons exemplos no ambiente do futebol que fazem nutrir um sentimento de esperança na população mais tolerante e consciente. Algumas boas iniciativas estão sendo cada vez mais disseminadas e contam com certo apoio e divulgação da mídia especializada.

A torcida organizada Alma Celeste, do Paysandu, aboliu os cantos homofóbicos direcionados aos torcedores do seu arquirrival. Nesse canto, chamavam o mascote do Remo, um leão, de gay. Em seu pedido de desculpas, a Alma Celeste, torcida criada há mais de 10 anos e que conta com mais de 90 mil seguidores nas redes sociais, relatou que errou por vários anos, ao proferirem ofensas e a homofobia pelos estádios paraenses. Mas após a retratação, chegaram inclusive a levar para as arquibancadas uma bandeira colorida que remete à militância gay. Por sua postura e ativismo, foram homenageados na Parada LGBT de São Paulo em junho de 2017. Numa partida contra o Náutico, pela série B de 2017, a equipe do Paysandu entrou em campo com uma faixa que continha os dizeres de que rejeita “toda e qualquer forma de preconceito”.

Já o Arsenal, time tradicional da Inglaterra, apoia veementemente os “Gay Gooners”. Trata-se de uma torcida organizada criada em 2013, formada por entusiastas do clube declarados homossexuais. Se autodenominam a maior torcida organizada LGBT do mundo. Há campanhas nas cercanias dos estádios londrinos para que todos os que são identificados com o Arsenal ou qualquer outro clube, sintam-se respeitados e bem-vindos nas partidas disputadas na cidade.

Em 2012, foi inaugurada outra campanha de ativismo social, chamada You Can Play; dedicada à erradicação da homofobia no ambiente esportivo. Seus três co-fundadores são Patrick Burke, Brian Kitts e Glenn Witman. O slogan é “Se você pode jogar, pode jogar”. A fundação prega a união de atletas, treinadores, dirigentes e torcedores com intuito de se ter mais respeito e segurança aos envolvidos, tornando o vestiário um local protegido e inviolável. Eles acreditam que os atletas devem ser julgados por talento, coração e ética de trabalho, não por orientação sexual e/ou identidade de gênero. Buscam uma oportunidade justa para os atletas competirem, e apenas o que estes fazem pelo esporte ou pelo sucesso de sua equipe deve ser considerado. O que a You Can Play faz é grandioso, pois desafiam a cultura de vestiários e arquibancadas. Visam que as pessoas concentrem apenas nas habilidades do atleta, no seu espírito de competitividade e trabalho.

É quase impossível eliminar da psique do homem o instinto agressivo e a ambição desenfreada. O que deve ser feito é uma melhor utilização dessas nuances, o homem deve abraçar a masculinidade de uma forma mais produtiva. Agir de forma contrária é fugir de suas responsabilidades. A sociedade masculina necessita ter uma postura mais honrada, pois outros homens, mulheres e homossexuais estão vulneráveis à violência. Uma violência que pode ser familiar, institucional.

Difícilmente a homofobia será erradicada do futebol e a conduta do torcedor machista será mudada a partir de um preceito legal. Tal norma pode sim contribuir, mas está longe de ser um indutor de mudança de comportamento. É preciso preparar os torcedores novos, inclusive dentro do contexto familiar. A instabilidade social deve ser combatida veementemente. Práticas antigas como a homofobia no futebol, podem e devem ser derrubadas. Com força, coragem e engajamento sociocultural.

REFERÊNCIAS

CONNELL, R.W. and MESSERSCHMIDT, J.W. (2005) **Hegemonic Masculinity Rethinking the Concept**. Gender & Society, 19, 829-859.

FRY, P.; Mac RAY, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2018/01/17/raio-x-dos-24-mil-jogadores-profissionais-em-atividade-nos-722-clubes-do-brasil/>

<https://esporte.ig.com.br/futebol/relembre-as-polemicas-na-carreira-de-richarlyson-do-atleticomg/n1597054861796.html>

http://www.espn.com.br/noticia/322413_a-corajosa-galo-queer-cientista-social-funda-movimento-anti-homofobia-na-torcida-do-atletico-mg

<https://www.facebook.com/YouCanPlayTeam/>

<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>

<https://globoesporte.globo.com/sp/campinas-e-regiao/futebol/times/guarani/noticia/com-bombas-no-brinco-richarlyson-se-apresenta-e-diz-vao-me-aplaudir-depois.ghtml>

<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/09/10/o-que-e-a-masculinidade-suave-que-esta-cada-vez-mais-na-moda.ghtml>

<https://noticias.bol.uol.com.br/esporte/2010/01/07/apos-polemica-richarlyson-se-reapresenta-ao-sao-paulo-quase-careca.jhtm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Demografia_das_orienta%C3%A7%C3%B5es_sexuais#Brasil

https://www.vice.com/pt_br/article/zm8a7y/homens-brasileiros-falam-sobre-masculinidade-toxica-e-machismo

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/09/1919677-pesquisa-mapeia-o-comportamento-sexual-de-gays-e-bissexuais.shtml>